

Olho da rua

■ Os cegos que votaram no Instituto Benjamim Constant, na Urca (Zona Sul), também fizeram boca-de-urna de um jeito bem especial: ficavam a 100 metros do instituto tentando ouvir o barulho das bengalas dos colegas. Quando eles se aproximavam, os cabos eleitorais atacavam: “Você também é cego? Vote no meu candidato!”.

■ Aliás, o cearense Antônio do Nascimento era pela manhã o único cego a fazer campanha para Collor no local. Os cabos eleitorais de Brizola não deixavam ele fazer sua propaganda e uma PM feminina teve que levá-lo para o outro lado da rua para que ele pudesse trabalhar a favor de candidato.

■ Ontem, às 10h30, quando era grande o movimento de eleitores no Colégio Infante Dom Henrique, em Copacabana, um grupo de brizolistas começou a assoviar pelos corredores o “Lá, lá, lá, Brizola”. A festa acabou quando o próprio fiscal do PDT pediu que eles parassem.

■ O Fiat da supervisão do 6º BPM, seguido de três camburões, entrou fazendo grande estardalhaço no Colégio São José, na Rua Conde de Bonfim, Usina (Zona Norte). Ao perguntarem se havia algum incidente, eleitores ouviram de um dos PMs: “É o coronel que trouxe a turma para votar.”

■ No bar *Ganhando Pouco*, no Buraco Quente, Morro da Mangueira (Zona Norte), o pessoal que tomava uma cervejinha escondido — apesar da *lei seca* —, na hora de pedir no balcão dizia: “Me vê uma Brizola geladinha”, para não gritar o nome da bebida alto.

■ A brincadeira de ontem de um grupo de meninos na Praça Saens Peña (Zona Norte) era colar adesivos de candidatos no bumbum de mulheres que passavam por ali. Quando elas gritavam ou olhavam para trás, as crianças davam no pé.

■ Em frente ao número 1.301 da Rua Marechal Salazar Mendes de Moraes, em Jacarepaguá (Zona Oeste), um outdoor anuncia: “Faça uma campanha limpa.” Bem abaixo, uma caçamba da Comlurb estava transbordando de tanto lixo.

■ A Praça Natividade Saldanha, na Triagem (subúrbio do Rio), ontem, às 12h, se transformou num lugar apolítico. Ali, os eleitores, depois de votarem no Centro Tecnológico do Senai, que fica a 100 metros, deixavam de lado o bate-papo político para jogar buraco e sueca nas mesinhas de cimento.

Queixas do Povo

■ Andréa Santos Modesto, da Tijuca (Zona Norte), pede mais policiamento na Rua Pereira de Siqueira, onde os assaltos são frequentes, principalmente nos fins de semana.

O major Sildes explicou que o 6º Batalhão está sobrecarregado de serviço — a unidade cobre área com 19 morros —, mas assegurou que atenderá o pedido da leitora.

■ Gérson da Silva Monteiro, da Barra da Tijuca (Zona Sul), reclama que diariamente os frequentadores da Academia Espaço Vital estacionam seus veículos irregularmente na Rua Osvaldo Pais, dificultando e, muitas vezes, impedindo a entrada do caminhão de lixo da Comlurb.

O cabo Windsor, do 18º Batalhão, prometeu fazer patrulhamento no local ainda esta semana.

■ Elizabeth Kuehne, do Jardim Botânico (Zona Sul), denuncia que muitos motoristas que descem a Rua Jardim Botânico, em direção ao Centro, e querem entrar no Túnel Rebouças o fazem irregularmente, entrando pela Rua Pio Correia e colocando em risco diversas vidas.

O oficial de dia do 2º Batalhão, tenente Lemos, designará um oficial-supervisor para avaliar o problema do trânsito naquele trecho da Rua Jardim Botânico, prometendo punir os infratores de alguma forma.



■ No dia 9 de novembro de 1901, o JORNAL DO BRASIL publicou a seguinte queixa: “O sr. Francisco José Martins, morador à rua de S. Clemente n. 101, veio dizer-nos que, tendo arrendado, pelo prazo de 5 anos, no cemitério de S. João Baptista, em 1808, terreno de sepultura de sua esposa encontrou-o ontem desapropriado e arrancadas as flores que elle alli plantara.”

O Rio cidadão

Uma família de classe média vota com certeza de estar fazendo história

Marcelo Régua



Antônio, de 43 anos, sentiu junto com a filha Leticia, de 16, e a mulher, Vera, de 42, a emoção de votar pela primeira vez para presidente

Cariocas da classe média alta, moradores da Gávea, os três acordaram cedinho e foram a pé depositar seus votos no Colégio Teresiano. “Estamos emocionados”: a frase foi dita e repetida ontem pelo engenheiro Antônio Ribeiro, de 43 anos; por sua mulher, a professora primária Vera Parente Ribeiro, de 42 anos e pela filha Leticia, de 16 anos, logo depois de realizarem um sonho comum: eleger pela primeira vez o presidente do Brasil. Minutos antes de se dirigir à urna, Antônio Ribeiro, eleitor de Mário Covas, revelou estar sentindo “uma certa frustração” de votar para presidente somente agora. “Estou no meio da minha vida, e só hoje posso influenciar o processo democrático. Gostaria de ter votado antes, como minha filha. Na última eleição tinha apenas 14 anos.” A filha Leticia, que se filiou ao PCB no meio do ano e acabou se decidindo por Lula, não conseguia camuflar a emoção com a eleição presidencial direta. “Estamos fazendo história. É a primeira vez que um eleitor de 16 anos se manifesta e o povo é ouvido”. A mãe, que votou em Lula, confessou estar “achando o máximo” o povo eleger novamente seu presidente. “Não existe coisa mais importante.”

O Rio amanheceu ontem como a família Ribeiro, feliz. Ventos fracos, atmosfera amena, temperatura estável: dos 19°C no Alto da Boavista aos 31°C em Bangu, as ruas da cidade se mostraram animadas e confiantes, provando que a divergência é compatível com o respeito, e que competição não é sinônimo de briga. Se os bares do asfalto deixaram de vender bebidas alcoólicas, as bocas de fumo da Mangueira suspenderam de manhã o fornecimento da matéria-prima que nutre os perigosos e imprevisíveis paraísos artificiais. Na festa da cidadania, a violência concedeu uma trégua aos cariocas. A cidade, então, intoxicou-se com a própria alegria.

E por falar em Mangueira, apesar dos esforços pró-tucanos das ilustres mangueienses Dona Neuma e Alcione, a Estação Primeira desfilou unida pelas urnas sufragando Brizola, e isso com o fervoroso apoio da imortal Dona Zica, a viúva de Cartola. Rostos contentes, gente que parecia sair de sua toca pela primeira vez em muitos anos, desenferrujando a esperança. Na comportada Tijuca, o Borel e o morro da Formiga desceram — endomingados e honrados. E no asfalto, era um clima de copa do mundo: ninguém abrindo mão de de seus candidatos (como nunca se abdica do Flamengo), mas todos de alma verde e amarelo.

O futebol é metáfora inevitável. Em Copacabana, carros percorriam as avenidas com enormes bandeiras tremulantes, mas o que dominava ali era o desejo mais amplo de participar na vida da *polis*. A torcida abandonou o esconderijo dos times, escolas de samba, associações particulares e colocou o cinismo e o ceticismo em minoria. Quase não se ouviu o famoso “são todos iguais”.

Em Ipanema, na esquina da Joana Angélica com Visconde de Pirajá, embora as janelas escancarassem suas preferências e os bandos de esquinas proclamassem um conagraçamento de esquerda (prenúncio do segundo turno), imperou a política da boa vizinhança. Apesar das filas enormes, o dia na Rocinha foi pacífico: nessas plagas muita gente usou camisa de Collor de mentirinha. Alguns sussurravam: “Collor na camisa, Brizola no nariz e Lula na cabeça.” De lenço vermelho, (os lenços vermelhos sarapintaram ontem o Rio), um brizolista receita: “vitamina B12 (o número de Leonel), a única que faz crescer.”

Frase do Secretário Hélio Saboya: “o povo está se comportando melhor do que certos candidatos.” Se as pessoas estavam nervosas, o Rio ficou especialmente bonito, com a cidadania à flor da pele.